

Intelectuais e minorias em *A expedição de Montaigne*

*Henrique Roviz Aarestrup Alves**

RESUMO

No romance *A expedição Montaigne*, de Antonio Callado, o processo de aculturação dos indígenas no Brasil é tratado de maneira singular, através de uma linguagem carregada de humor que, ironicamente, revela a seriedade e a gravidade da situação contemporânea desses indígenas. Nesse contexto, este trabalho pretende identificar e caracterizar alguns intelectuais no romance, analisando suas relações com a minoria indígena.

No romance *A expedição Montaigne*, Antonio Callado reflete sobre a situação da cultura indígena na sociedade latino-americana contemporânea, especificamente na brasileira, transmitindo sua visão sobre o irreversível processo de aculturação. Através do contato entre o personagem Vicentino Beirão, um intelectual brasileiro impregnado de cultura francesa, e o indígena camaiurá Ipavu, o autor empírico mostra o grau de contaminação da cultura indígena pela ocidental. A linguagem, permeada de palavrões e termos chulos, além dos recursos do humor e da ironia perceptíveis em várias passagens da narrativa, explicita como a cultura indígena encontra-se, na atualidade, modificada pelos valores ocidentais capitalistas. E para ilustrar o processo de “transculturação” desenvolvido no país, o autor empírico caracteriza o personagem Beirão como um intelectual impregnado de cultura européia,

* Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa – PUC Minas.

mas que, ao mesmo tempo, valoriza fanaticamente a cultura dos índios xinguanos. Callado, porém, parece ridicularizar a imagem do intelectual estrangeiro idealista e utópico, ao identificá-la com o personagem Vicentino Beirão, que tenta lavar seu “mal estar” através de uma “descolonização” do Brasil, sem perceber a irreversibilidade do processo de aculturação. Assim sendo, o escritor Antonio Callado, ao escrever esse romance, caracteriza-se a si mesmo como um intelectual que procura refletir sobre os problemas dos indígenas de seu tempo, e sobre o próprio papel do intelectual diante dessas questões, ao mesmo tempo em que busca influenciar tanto política quanto socialmente essas realidades da sociedade brasileira, através do trabalho literário com as idéias e a responsabilidade pública envolvida nesse processo.

O romance *A expedição Montaigne* faz referências ao filósofo francês Michel Eyquem de Montaigne, através do próprio título e de algumas passagens. A imagem desse intelectual, mais precisamente um busto, acompanha Vicentino Beirão em suas andanças, como um objeto de veneração respeitado e idolatrado religiosamente:

Devia ser um santo qualquer, de igreja ou de macumba, como o São Jorge enfiando a lança na goela do lagartão, porque o Vicentino Beirão, quando viu ele, o boneco, olhando o Tuatuari, ficou assim duro, primeiro, empertigado, depois abaixou a cabeça, mão no peito, dizendo:

— O senhor de Montaigne.

Ipavu tinha visto logo que devia ser algum Nosso Senhor, [...]. (Callado, 1982, p. 95-96)

Pode-se perceber a reverência e respeito de Beirão para com a imagem de Montaigne, o qual representa um modelo de intelectual a ser seguido, uma fonte de inspiração para o personagem. De fato, o filósofo francês, que viveu de 1533 a 1592, integrante do secto do rei Carlos IX, escreveu alguns ensaios sobre aborígenes americanos, chamados de *antárticos*. No capítulo XXXI de seus ensaios (Montaigne, 2000, p. 192), intitulado *Dos canibais*, Montaigne questiona as convicções etnocentristas européias a respeito dos povos “primitivos”, lançando a pergunta “quem seriam os selvagens”, os indígenas americanos ou os europeus? Pode-se perceber que as idéias deste filósofo francês do século XVI se identificam com as propostas e convicções do personagem Vi-

centino Beirão, que pretende “descolonizar” o Brasil, devolvendo o país para o domínio indígena. Além disso, outras características intelectuais de Montaigne parecem servir também aos propósitos de Beirão, quando defende e acolhe a cultura indígena.

Através de seus ensaios, Montaigne utiliza a escrita como instrumento de trabalho, além de se posicionar politicamente de forma contraditória ao defender a cultura dos índios americanos, e não a cultura ocidental que o criou.

O personagem Vicentino Beirão, no romance, é guiado por um desejo de resgatar a cultura dos índios do Alto Xingu, de forma a “descolonizar” o Brasil, ou seja, eliminar a influência ocidental branca da cultura brasileira, e restituir aos indígenas a sua condição original. Beirão pretende formar uma guerrilha de índios xinguanos, para “botar os brancos de joelhos por terem descabado Iracema” (Callado, 1982, p. 30), ou seja, deseja promover uma reação tardia dos índios xinguanos ao processo de colonização, através até da força, como se fosse possível “descontaminar” esses indígenas da própria cultura ocidental com a qual tiveram contato durante séculos. Beirão possui uma imagem romântica e idealizada da cultura indígena, como se os camaiurás e os outros povos indígenas contemporâneos, de uma maneira geral, valorizassem a integridade e a pureza de sua cultura. Durante todo o romance, a postura de Ipavu ilustra a força de um processo de aculturação que não pode ser anulado pelo projeto de Vicentino Beirão, justamente por ter sido instalado no país há muitos séculos. A proposta do personagem, a qual se mostra inviável nesta época contemporânea, não leva em consideração o fato de os indígenas xinguanos estarem, irreversivelmente, impregnados de cultura ocidental, além de ignorar as influências marcantes da cultura indígena na própria civilização brasileira. Vicentino Beirão torna-se um exemplo desse processo, pois ele mesmo, um intelectual criado pela cultura ocidental, assimilou valores da cultura indígena, mesmo que de uma forma exagerada e fanática.

Apesar de Beirão ser desvalorizado por Ipavu, existe uma passagem do romance que caracteriza nitidamente o personagem como um intelectual, situando-o como uma referência na sociedade, pois vivia assediado por repórteres e pela mídia de um modo geral:

Foi várias vezes, na vasta biblioteca do seu apartamento no Leblon, fotografado entre livros franceses e cerâmica carajá, ou, de outro ângulo, perto da janela, entre uma espada que era cópia autenticada da de Bayard (sans peur et sans reproche era o ex-libris de Vicentino Beirão) e a borduna com que um índio tinha matado, no rio Ananás, o tenente Marques de Souza (morrer, sim, matar nunca jamais), oficial do grupo de Rondon. (Callado, 1982, p. 23)

Pode-se perceber que o personagem Beirão era considerado um intelectual relevante para a mídia, pois fora várias vezes fotografado em seu apartamento, e era conhecido e reconhecido por sua luta contra a opressão dos indígenas e pelo “seu combate anti-reformatório Crenaque”. Portanto, Beirão não é um lunático que surge do nada ao se apresentar a Ipavu com suas propostas, e sim um intelectual de renome, do ponto de vista da sociedade. Mas tudo isso é desconsiderado e desvalorizado por Ipavu, que mostra explicitamente a inviabilidade do projeto de Beirão através da exibição do próprio estágio avançado de aculturação em que se encontra, além do alto nível de contaminação da cultura indígena dos camaiurás. A postura de Ipavu ilustra ainda a incompetência da sociedade para lidar com todo este processo de forma satisfatória, além da inoperância de instituições que se dizem protetoras dos interesses indígenas.

Entretanto, o personagem Beirão pode ser considerado como aquele intelectual mediador, que se situa entre a cultura ocidental e a indígena, “entre livros franceses e cerâmica carajá”, entre uma espada de “Bayard” e a “borduna” de um índio arara. O trecho acima ainda situa Beirão perto de uma janela, símbolo de uma nova possibilidade ou realidade, como quem talvez vislumbre uma nova relação entre as duas culturas. Porém, a realidade é bem mais dura, pois Beirão lida com uma relação cultural complexa, situando-se entre uma sociedade ocidental opressora e as influências de um forte processo de aculturação: entre seu “mal-estar” (já que se impregnava de cultura européia), para o qual reclama alívio, e Ipavu, que clama por cerveja e cachaça para amansar as “dores do peito”. Essa situação conflituosa vai acompanhando Beirão durante praticamente toda a expedição Montaigne, e se manifesta em seu próprio fanatismo, o qual pode ser interpretado como uma tentativa desesperada de superar suas angústias intelectuais e a dura realidade circundante. Pode-se perceber no texto que o personagem Vicentino Beirão levanta a bandeira dos indígenas,

encaixando-se no perfil do intelectual que, segundo Jean Paul Sartre, “tem apenas um meio de compreender a sociedade onde vive: ter sobre ela o ponto de vista dos mais desfavorecidos” (Sartre, 1994, p. 42). Beirão, portanto, dirige sua postura intelectual pelo ponto de vista dos indígenas (ou pelo menos daquilo que acredita que seja). Assim sendo, Beirão encaixa-se no perfil daquele que se radicaliza “em revolucionário, compreendendo que a única coisa que as massas podem fazer é quebrar os ídolos que as esmagam. Sua nova tarefa será então combater a ressurreição perpétua no povo das ideologias que o paralisam” (Sartre, 1994, p. 43). Beirão buscará incessantemente neutralizar a ideologia capitalista responsável pela aculturação dos indígenas, procurando resgatar os valores culturais “autênticos” desse povo para tentar reverter o processo de aculturação. Mas a força das “ideologias que o paralisam”, ou seja, que impossibilitam a manifestação do povo indígena como reação e existência cultural, possui séculos de atuação, e não se rompe assim tão facilmente através dos desejos de Beirão e de seus esforços de intelectual, também ele seguidor de ídolos. Sua tarefa, que se mostra inviável perante o poder das estratégias da aculturação embutidas na ideologia vigente, poderia ser comparada a uma chicotada no mar. E, ao não perceber esse processo inevitável da aculturação, essa força ideológica descomunal que esmaga suas idéias ilusórias e utópicas, o personagem Vicentino Beirão é sacrificado como intelectual, assim como morre tudo aquilo que representa, principalmente a possibilidade de se “descolonizar” o Brasil em termos práticos.

Já o personagem Ieropé, como pajé e autoridade da aldeia camaiurá, mostra-se conflitivo e decadente durante quase toda a narrativa. O indígena tenta manter vivas as tradições culturais ao exercer suas atividades de pajé, mas esbarra em obstáculos promovidos pela aculturação. O personagem parece sofrer uma morte social em sua aldeia, como se não mais existisse para seu povo e tivesse “sido enterrado na beira da lagoa” juntamente com suas tradições culturais. A ideologia ocidental parece ter vencido a resistência de Ieropé, pois, ao morrer Jaçanã, morre também a chance de o pajé resgatar seus valores indígenas e sua cultura autóctone. Essa decadência cultural e social de Ieropé só é interrompida no final da narrativa, quando o pajé, já disposto a suicidar-se de tanta culpa e desolação, pressente uma “interferência” de Maivotsinim em sua

aldeia, ao “transformar” Uiruçu em gente. Nesse momento, Ieropé resgata sua cultura e seu prestígio de pajé, realizando um ritual mítico com a participação de toda a aldeia, expurgando todo o seu sofrimento, e purificando suas tradições através da fogueira que queima a gaiola com “Fodestaine” dentro. Pelo menos no plano mítico, Ieropé consegue, naquele momento, resgatar a cultura indígena e “descolonizar” sua aldeia.

Na medida em que perde paulatinamente seu prestígio na aldeia camaiurá, perante o povo que lhe outorgou a condição de autoridade e de guia espiritual, Ieropé morre socialmente e se isola em sua cabana, que funciona como um verdadeiro túmulo, mas ao mesmo tempo como uma “crisálida” ou “casulo”, de onde renasce com toda a força proporcionada por Maivotsinim, que “vem” em seu socorro. Ao final da narrativa, através do ritual da queima da gaiola, e simbolicamente de “Fodestaine” e de toda a opressão que representa, o pajé retoma seu prestígio e sua força espiritual, procurando promover um resgate mítico da cultura tradicional camaiurá, constituindo-se como um verdadeiro guardião desta cultura, e um fiel “intelectual” a serviço de seu povo.

O personagem Ipavu representa, no romance, uma minoria excluída e isolada do sistema produtivo capitalista, que só consegue sobreviver no mundo ocidental porque se refugia nas dependências do reformatório Crenaque. Este presídio é visto por Ipavu como um “paraíso”, onde pode-se viver sem trabalhar, ao mesmo tempo em que se desfruta de prazeres burgueses, como o consumo da cerveja e de “tira gosto”. Ipavu mostra-se aculturado e permeado de “valores” de branco, constituindo-se como um verdadeiro “simulacro” de ocidental. Por mais que Ipavu tentasse fazer-se branco, e por mais que estivesse aculturado, o personagem nunca seria considerado como um autêntico “caraíba”, pois nunca abandonaria a condição de eterno arremedo do modelo ocidental. Assim sendo, Ipavu constrói-se na narrativa como uma minoria excluída pelo sistema capitalista contemporâneo, representando também todo o povo camaiurá e do alto xingu, marginalizado e desrespeitado pela cultura ocidental em seu próprio território.

A difícil situação desses indígenas possui somente duas opções: resistir à aculturação ou ceder a ela. A resistência pode ser muito dolorosa e ideologicamente castigada (Ieropé que o diga), e o caminho mais fácil parece ser a aceita-

ção da cultura branca. Nesse processo, Ipavu acultura-se, reproduz a ideologia ocidental e absorve os valores burgueses, violentando sua própria cultura em seu bojo identitário. Ao tentar resgatar Uiruçu, o gavião penachudo, o personagem busca fortalecer sua identidade autóctone e minimizar os efeitos da violação de sua cultura. Porém, sua identidade, já deformada por esta luta interna, acaba por não mais resistir às pressões do mundo ocidental, concluindo um processo progressivo de destruição através da própria morte do personagem. A morte de Ipavu representa a morte de todo um povo e de uma cultura indígena que se situou desde os primórdios da colonização sob os efeitos de um processo desigual de trocas culturais, pois os indígenas se fizeram muito mais “europeus”, do que os europeus indígenas. O intercâmbio cultural durante todos estes séculos de contato efetuou-se por uma única via, em um sentido unilateral, contaminando irreversivelmente a cultura indígena que absorveu a cultura ocidental a ponto de promover sua “auto destruição”. Ao acreditar que a cultura ocidental é realmente superior e melhor, Ipavu desencadeia a contagem regressiva dentro de seu peito, que abriga uma opressão cultural e uma angústia identitária crescentes. O personagem, ao rejeitar a si próprio por ser irremediavelmente índio camaiurá, deixa de refutar a cultura ocidental opressora, fornece forças descomuns à “tuberculose”, e agrava as suas “dores no peito”, reafirmando assim o forte poder da aculturação diante da fragilidade da cultura indígena. Porém, esse poder é relativizado através da própria “ressurreição” mítica evidenciada no romance, pois a cultura indígena deixou marcas significativas na civilização brasileira, e, dessa forma, nela ainda sobrevive. Nesse sentido, a própria escrita do autor empírico, ao confeccionar o romance, reflete esse jogo de influências entre a cultura indígena e a ocidental. No contexto da civilização brasileira, a escrita de Callado constrói-se através desse processo, e exerce o seu papel de espaço de convivência entre essas diferentes culturas, onde elas se reafirmam como partes integrantes da diversidade cultural do país.

No início do romance, Ipavu aceita a proposta de Beirão, mas não com o intuito de ajudar no sucesso da expedição Montaigne, e sim com a intenção de libertar Uiruçu, o gavião engaiolado na aldeia camaiurá, o que já indica uma tentativa simbólica de libertação cultural. Ipavu possui este desejo de

libertar Uiruçu para acompanhá-lo de volta ao Crenaque, considerado pelo personagem como um tipo de “paraíso”, onde é possível viver na ociosidade, sem qualquer sentimento de falta ou privação, pois a cerveja, os torneios de porra a distância para ver quem acerta os ponteiros do relógio parado (símbolo da cronologia temporal capitalista), “satisfazem” esse desejo de um gozar eterno, do desfrutar de um paraíso parado no tempo, sem contato com o mundo de fora. Ironicamente, esse “paraíso” encontra-se nas dependências de um presídio, símbolo de exclusão social e sofrimento dentro dos parâmetros ocidentais. Ipavu só sente falta de Uiruçu, que pode ser visto como uma metonímia de sua cultura indígena autóctone. Esse desejo de reencontrar o gavião pode constituir-se como uma ambigüidade, pois, como o indígena quer fazer-se “civilizado”, não deveria sentir necessidade de resgatar sua cultura original. Mas, diante da evidência de seus conflitos, Ipavu poderia estar tentando estabelecer uma convivência menos dolorosa entre a cultura do “homem branco” e a indígena, procurando fazer-se relativamente híbrido, mas por sobrevivência, para evitar que sua cultura original fosse solapada de forma tão incisiva. Uiruçu se apresenta como uma resistência à cultura branca, mas em nível inconsciente, pois conscientemente Ipavu quer fazer-se branco e funciona como um divulgador e reafirmador dos valores ocidentais. A vida no Crenaque seria uma forma de Ipavu conseguir sobreviver no mundo ocidental sustentado pelo próprio sistema opressor, o que não aconteceria fora do presídio, solto e perdido pelas ruas da urbe, onde a discriminação e a miséria social do submundo poderiam matá-lo de fome ou de outras mazelas. Sendo assim, Ipavu deseja resgatar Uiruçu para fortalecer sua identidade indígena e não sofrer tanta opressão cultural no mundo dos brancos. O fato de Ipavu ser tuberculoso é bastante significativo, pois essa doença, trazida do Velho Mundo para as terras dos camaiurá, pode ser vista como a metáfora da opressão cultural e social que vai destruindo paulatinamente a saúde física e identitária do personagem. Ipavu sonha com Uiruçu, como quem sonha em superar a situação agressiva e sofrida na qual se encontra no mundo dos brancos, como quem deseja, mesmo que inconscientemente, livrar sua cultura autóctone desta mácula promovida pelo ocidental desde a época da colonização. O gavião seria o símbolo de uma força cultural resistente, que voa alto sobre os obstáculos da terra, ao mesmo tempo

em que possui uma agressividade de ave predadora, necessária para defender Ipavu de seus infortúnios:

Mas isso foi só o começo do sonho bom, Uiruçu cutucurim, gavião-real, balançando ele, olho aberto mas dormindo, pras itaipavas, as águas bravas, quando Ipavu sentiu o que ainda ia sentir outras vezes quando estava muito doído de sono e cansaço mas doído demais para dormir: é que deu no peito dele outra dor, maior mas diferente, ou não foi dor, foi uma pressão forte de meter medo mas boa, porque o peito dele inteiro, a caixa de ossos, quer dizer, tudo quanto era costela virou vara de gaiola e lá dentro entrou Uiruçu, a força do gavião penachudo, das garras dele, do bico curvo, do asame de Uiruçu. (Callado, 1982, p. 18)

Nessa passagem, pode-se perceber que o gavião Uiruçu representa para Ipavu uma força capaz de combater suas “dores no peito”, provocadas tanto pela doença tuberculose quanto pela própria opressão identitária e morte cultural que ela representa. A força do “penachudo” combateria essas dores, intercederia em favor do indígena contra a sua destruição física e cultural-identitária. Segundo o dicionário de símbolos, “o porte de um gavião pousado no punho era, antigamente, sinal de nobreza e de distinção. Ave caçadora e agressiva, ele também designa com frequência o pênis” (Chevalier, 1982, p. 463). Uiruçu então, além de reforçar a identidade indígena de Ipavu, resgatando sua existência cultural e dignidade perante os “outros”, os brancos, simbolizaria também a possibilidade de viabilizar o estabelecimento do personagem neste “mundo dos prazeres” contido no Crenaque:

Tinha mais uma coisa, se Uiruçu aparecesse mesmo, se deixassem ele sair da gaiola – porque sentir Paiap perto ele já devia ter sentido – era o milagre: não ia nem ser preciso botar os pés naquele nojo de aldeia, bastava voltar pro Crenaque, pras celas vazias e o relógio parado, pros botequins, pros galinheiros do Crenaque, com aquele desbunde e fartura de frango e pinto pra Uiruçu. (Callado, 1982, p. 94)

O gavião proporcionaria prazeres dentro do conjunto de valores ocidentais, defendendo Ipavu da opressão cultural e social através de suas garras, do bico caçador, e de seu poder agressivo de predador. Pode-se perceber, através desse processo, a tentativa de Ipavu de sobreviver em um meio socio-cultural hostil e sufocante, a necessidade de assimilar outros valores sem se deixar

agredir e violentar tanto. Tudo isso se realiza, claro, no âmbito do inconsciente do personagem.

No final do romance, o sacrifício de Vicentino Beirão parece se fazer necessário para a “purificação” da cultura camaiurá, o que ocorre somente no plano mítico, e não na sua realidade efetiva. A morte de Beirão mostra também a impossibilidade de se restituir ao indígena uma condição de *tábula rasa* que nunca existiu, a inviabilidade desse projeto que visava resgatar uma cultura já profanada por séculos e séculos de aculturação violenta. Paralelamente, Ipavu desce o rio Tuatuari em uma canoa, morto, com sangue pela boca e um caitetu estripado ao lado, guiado por um Uirucu imponente na proa, ressurgido das cinzas como uma fênix. Como em uma marcha fúnebre, a canoa vai deslizando lentamente pelo rio até ser interceptada por Javari, filho da finada Jaçaná. Ipavu, ao libertar o gavião da gaiola, parece libertar também Uirucu de seu peito, parece ser “abandonado” pelo gavião em seu bojo identitário. Indefeso, a cultura ocidental o destrói, esfacela sua identidade antes protegida e mantida por Uirucu, símbolo de sua cultura indígena resistente. A tuberculose então invade seus pulmões, sufoca seu peito e vence a força que ainda mantém o camaiurá vivo. Ipavu morre para ilustrar a impossibilidade de se resgatar a cultura indígena autóctone como desejava Vicentino Beirão, restituída e restituível através da própria escrita do autor empírico, e do vôo mítico do gavião Uirucu, que finalmente carrega Ipavu em suas garras, balançando-o no ar melhor que rede, para entregá-lo a Maivotsinim, pro moitará dos rios e das almas.

Antonio Callado, nesse romance, aborda figurativamente a questão do papel do intelectual na sociedade brasileira, apresentando algumas “vozes” perfeitamente identificáveis como intelectuais. O autor empírico transmite suas idéias a respeito desse tema, mostrando-se como um intelectual e escritor atento aos problemas de seu tempo, buscando influenciar política e culturalmente a sociedade em que vive. Ao abordar a questão indígena, Callado parece querer transmitir ao leitor uma noção da grande força da ideologia dominante, em conflito com os frágeis direitos e interesses dessas minorias. Entretanto, a cultura civilizada também se acha influenciada pela indígena, pois Vicentino Beirão, um intelectual de renome na sociedade brasileira, mostra-se seduzido e impregnado de valores culturais xinguanos. A escrita do autor empírico ilustra

esse jogo entre a cultura indígena e a ocidental, e as reafirma como partes integrantes da cultura e civilização brasileira. A diversidade cultural do país entra em cena através da própria construção do texto de Callado, no qual se percebe a convivência entre a cultura indígena e a ocidental, mesmo que pelo viés de conflitos. Assim sendo, o autor empírico reafirma a inegável existência dessa heterogeneidade, pois transmite à sua escrita os componentes da(s) cultura(s) que constrói(em) parte de seu perfil intelectual. A narrativa permite o resgate mítico da cultura indígena, mas a escrita de Callado ultrapassa esse limite, e promove um outro tipo de “libertação” dessa cultura, ao evidenciar sua sobrevivência nas estruturas intelectuais do autor empírico, e nas entranhas da própria civilização brasileira, a qual exibe suas riquezas pelo viés das diferenças.

ABSTRACT

In the novel *A expedição Montaigne*, by Antonio Callado, a very big concern about the situation of Brazil's Indians is noticed. The process of acculturation is singularly dealt in the text, through a language full of humor, which ironically reveals the seriousness and solemn contemporary situation of Brazil's Indians. In this context, this essay intends identify and characterize some intellectuals in the novel, and their relations with the indian minority.

Referências bibliográficas

- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. Trad. Marco Aurélio Nogueira, São Paulo: Ed. da UNESP, 1997.
- CALLADO, Antonio. *A expedição Montaigne*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 7. ed. Trad. Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque. Antonio Callado, profissão escritor. *São Paulo: Jornal do Brasil*, 11/7/81.
- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaios*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- SAID, Edward W. *Representations of the intellectual*. London: Vintage, 1994.
- SARTRE, Jean Paul. *Em defesa dos intelectuais*. Trad. Sérgio Goes de Paula. São Paulo: Ática, 1994.

